Dia 17 — São Gregório Taumaturgo, Bispo de Neocesareia

Martirológio Romano

A ditosa morte de São Gregório, bispo, em Neocesareia do Ponto, esclarecido em santidade e doutrina; o qual obrou tantos prodígios e milagres para glória da Igreja que o chamaram o Taumaturgo. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

Os santos mártires Alfeu e Zaqueu, na Palestina; os quais, no primeiro ano da perseguição de Diocleciano, depois de muitos tormentos foram sentenciados à morte. (Zaqueu era diácono de Gadara, do outro lado do Jordão, e Alfeu, leitor da igreja de Cesareia, parente seu.)

Os santos mártires Acisclo e Vitória, irmãos, em Córdoba; os quais, na mesma perseguição, tendo sido cruelmente atormentados por mandado do presidente Dion, alcançaram do Senhor as coroas de seu esclarecido combate. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

Santo Dionísio, bispo, em Alexandria, varão de grande saber; o qual, ilustre pelas repetidas confissões que fez da fé de Jesus Cristo e mais pelos tormentos que padeceu diversas vezes por esta causa, morreu de avançada idade confessor, imperando Valeriano e Galieno. (São Basílio e outros Padres gregos honram este santo Prelado com o título de Grande; e Santo Atanásio o chama o Doutor da Igreja católica. Era de nascimento sabeu, de uma família principal daquele país, na Arábia Feliz. Sendo Dionísio ainda pagão, percorreu todo o círculo da literatura profana em Alexandria, então centro das ciências, e professou a oratória. Dando por casualidade nas Epístolas de São Paulo, abriu seu coração à verdade e renunciou à idolatria. E, fazendo-se humilde discípulo da escola catequística de Orígenes, logo foi ordenado de presbítero; e, quando Heráclas foi nomeado bispo, encomendou-se a nosso Santo o cuidado daquela escola em 231, sendo logo nomeado bispo de Alexandria em 247, quando morreu aquele. Sua intrepidez, seu zelo e caridade apareceram logo com esplendor em meio das terríveis perseguições que sofreu a Igreja imperando Décio; não se distinguindo menos em combater o cisma que levantou Novaciano contra o papa São Cornélio e em reparar os estragos que causou o erro de Sabélio, que negava a real distinção das pessoas da santíssima Trindade. Restituído a Alexandria no ano 261, de onde havia saído quando reinava o furor da perseguição, escreveu ao Papa justificando-se da calúnia que se lhe faria de ter

impugnado a divindade de Jesus Cristo num escrito contra Sabélio. Incansável e cheio do espírito de Deus, foi a luminária de seu tempo; e sua constância em meio das tribulações foi admirável. Morreu Dionísio santamente no dia 10 de setembro do ano 265, depois de encerrado o sínodo Antioqueno, tendo governado sua Igreja com muita sabedoria e santidade por cerca de dezessete anos. Sua memória, diz Santo Epifânio, foi conservada em Alexandria com uma igreja dedicada em honra sua, mas muito mais por suas virtudes incomparáveis e excelentes escritos. Butler.)

Santo Aniano, bispo, em Orleans, cujos frequentes milagres dão testemunho de que sua morte foi preciosa na presença do Senhor. (Este Santo é famoso na Igreja galicana, na qual é chamado Agnan. Foi natural de Viena, na França, e viveu algum tempo encerrado numa celinha junto àquela cidade. Atraído depois da reputação de Santo Evúrcio, bispo de Orleans, passou a esta cidade e, fazendo-se seu discípulo, logo foi seu coadjutor e lhe sucedeu em sua dignidade. Quando entrou Átila nas Gálias, correu Santo Aniano a Arles a implorar a proteção de Aécio, general dos romanos, e logo, voltando a sua diocese, entusiasmou a multidão, fez que todos pusessem sua confiança em Deus e, quando parecia que a cidade ia cair em mãos dos bárbaros, estes foram dispersados por Aécio juntamente com Teodorico, rei dos godos, e a cidade salva. Então a veneração pelo santo Bispo não teve limites, e pouco depois acabou sua carreira mortal tal dia como hoje do ano 453.)

Santo Hugo, bispo, na Inglaterra; o qual, de monge cartuxo que era, foi chamado a governar a igreja de Lincoln, onde resplandeceu com muitos milagres e morreu santamente. (Era de uma distinta família da Borgonha, onde nasceu no ano de 1140. Foi educado num convento de cônegos regulares e frisava nos dezenove anos quando o abade o levou consigo à Cartuxa perto de Grenoble: enamorado nosso Santo do santo porte dos monges Cartuxos, pediu o hábito e lhe foi concedido. A reputação de sua prudência e santidade se espalhou por toda a França e chegou a ouvidos do rei Henrique II da Inglaterra, que o pediu para pôr em ordem um convento de Cartuxos que havia fundado em Witham, condado de Somerset; o que realizou Santo Hugo com grande contentamento do Monarca inglês. E tanta confiança depositou o rei Henrique no servo de Deus que, vagando a sé de Lincoln, com vontade do Rei foi nomeado para ocupá-la o abade de Witham. Suas escusas não foram ouvidas, e foi obrigado a receber a consagração. A vida do santo Prelado, depois de bispo, foi modelo de virtudes e um vivo retrato de santidade. Era sobretudo compassivo dos pobres e enfermos e assistia aos hospitais e leprosos, beijando suas chagas. Dizendo-lhe certa pessoa grave que São Martinho, beijando um leproso, o havia sarado e que ele não sarava os leprosos que beijava, respondeu ele com muita graça: «O ósculo de São Martinho sarou a carne do leproso; mas o ósculo do leproso sara minha alma.» Predisse distintamente sua morte e, como lhe dissessem que fizesse testamento, respondeu: «Não estou bem com este costume que se introduziu na Igreja de fazer testamento os bispos; porque eu nenhuma coisa tive nem tenho que não seja da Igreja que governei; mas, para que o fisco não entre no que não é seu, estes bens que parece que tenho deem-se aos pobres.» Depois de ter recebido os Sacramentos, mandou formar uma cruz de cinza no chão; e, enquanto se rezavam Completas, quis que o tirassem da cama e o colocassem sobre a cruz formada no chão; em cuja postura, e repetindo o salmo *Nunc dimittis*, etc., deu o espírito ao Senhor no ano 1200. Desde Londres, onde morreu, foi conduzido a Lincoln, e dois reis, João da Inglaterra e Guilherme da Escócia, puseram seus ombros sob o féretro, assistindo ademais a suas exéquias três arcebispos, catorze bispos, mais de cem abades e um sem-número de condes e barões. Foi canonizado pelo papa Honório III. Butler.)

São Gregório, bispo, em Tours. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

Santo Eugênio, confessor, em Florença; foi diácono de São Zenóbio, bispo da mesma cidade.

Santa Gertrudes, virgem, na Alemanha, da Ordem de São Bento, esclarecida pelo dom de revelações: sua festividade se celebra no dia 15 de novembro. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

São Gregório Taumaturgo, Bispo de Neocesareia

Foi São Gregório da cidade de Neocesareia, no Ponto, e o chamaram Taumaturgo pela multidão e pela grandeza de seus milagres. Criaram-no seus pais na idolatria; mas o Senhor lhe fez a graça de atraí-lo ao conhecimento da verdade; e o mesmo Santo explica este mistério da divina misericórdia por estas palavras: «Então, por um instinto sobrenatural, comecei a voltar-me para a verdadeira piedade, e foi-se descobrindo pouco a pouco a minha alma uma razão superior à minha, não para comunicar-lhe ainda um total e puro conhecimento da verdade, mas para inspirar-lhe ao menos certo saudável temor.» Fortificada desta maneira com aquela razão divina que descobre as verdades da fé, chegou depois à perfeita conversão por um encadeamento de operações inefáveis. Como estava dotado de um excelente engenho, estudou a retórica com feliz sucesso; mas, como por outra parte era de um coração tão reto, jamais se pôde acomodar a elogiar em seus panegíricos e declamações coisa alguma que não a julgasse verdadeiramente digna de elogio. Em Cesareia da Palestina conheceu Orígenes e se deteve com ele em companhia de seu irmão Atenodoro, cuja concorrência a refere assim o mesmo Santo: «Aquele Anjo que nos vai guiando em todo o discurso de nossa vida foi dispondo para que nos estreitássemos com aquele grande homem, de cujo trato havíamos de tirar tanto proveito; e depois que nos pôs em suas mãos, como que de alguma maneira nos deixou inteiramente à mercê de sua direção. Nem uns nem outros nos conhecíamos, tanto pela diversidade de religiões como pela distância dos lugares; e com tudo isso nos recebeu como uns homens que lhe havia enviado a divina Providência para que ditosamente caíssemos em suas redes a fim de ganhar-nos para Jesus Cristo.» Conhecendo Orígenes a excelência daqueles dois engenhos, dedicou-se com o maior cuidado a cultivá-los. Ensinou-lhes a moral cristã, tanto com suas palavras como com seus exemplos. Representava-lhes suas próprias paixões como num espelho animado para que, vendo-as ao natural, lhes cobrassem maior horror, ao que igualmente os excitava com o exemplo que com a voz. De filósofos os ensinou para profetas e, explicando-lhes o mais obscuro da Religião, fez-lhes entender que nas coisas de Deus a só Deus se há de ouvir e aos que Deus escolhe para órgãos de seus oráculos, não devendo dar-se ouvidos à humana sabedoria quando se trata da divina revelação. Desta maneira, diz São Gregório de Nissa, aquilo mesmo que a outros os confirmava na idolatria serviu para que Gregório abraçasse a verdadeira Religião; porque, descobrindo no mesmo estudo dos filósofos o limitado de suas luzes e a incerteza de suas opiniões, que mutuamente se destruíam umas às outras, começou a compreender que em umas matérias tão superiores à razão era justo ater-se à simplicidade da fé, a qual merece muito bem nosso assenso, por isso mesmo que nos obriga a crer aquilo que não

podemos alcançar. Conheceu que esta obscuridade dos mistérios era muito própria de um Deus que habita na luz inacessível; e que era muito justo que o homem sujeitasse sua razão à soberana razão de Deus, sendo muita desordem que pretendesse apelar ao tribunal de sua razão o que se havia resolvido e ditado no supremo conselho da eterna Sabedoria; e que, se o entendimento humano fosse capaz de compreender o ser de Deus e suas divinas perfeições, ou o homem seria Deus ou o mesmo Deus não o seria. Alumiado Gregório com as luzes da fé, resolveu deixar tudo: os bens, a pátria, os amigos e, se fosse mister, até o estudo da filosofia, por dedicar-se unicamente a ser mestre na ciência dos Santos.

Obrigado Orígenes a retirar-se da cidade de Cesareia no ano de 238 pela perseguição de Maximino, sucessor de Alexandre Severo, passou Gregório à de Alexandria, aonde concorriam de todas as partes os jovens professores, pelo que floresciam nela os estudos de filosofia e medicina. Ainda que todavia não estava batizado, era sua vida tão ajustada e tão pura que os demais estudantes de sua idade a consideravam como uma tácita censura da sua ou como uma muda, mas viva repreensão de seus desordenados costumes. Movidos alguns deles de emulação e de maligno despique, intentaram desacreditá-lo; e para isso se valeram de certa mulher pública muito conhecida em toda a cidade, a qual, achando-se Gregório numa grande concorrência, chegou-se a ele e com imprudentíssimo descaro lhe pediu o preço da torpeza que havia cometido com ela. Não se imutou nosso Gregório e, sem perder um ponto de sua ordinária gravidade, circunspecção e compostura, disse friamente a um amigo seu que desse àquela mulher o dinheiro que pedia e prosseguiu com serenidade na conversação ou na disputa que estava pendente. Triunfavam já os invejosos libertinos do bom sucesso de sua calúnia; mas apenas tomou na mão o dinheiro aquela infame mulher quando se apoderou dela o espírito maligno e, agitando-a com espantosas contorções, a fazia prorromper em uivos e em bramidos que atemorizavam a todos os presentes. Revolvia espantosamente os olhos, lançava espumarajos pela boca, arrancava-se com furiosa raiva os cabelos feiamente estendidos e desgrenhados e, revolvendo-se raivosamente pelo chão, confessava aos gritos seu pecado. Viu-se obrigada a implorar a compaixão do mesmo Gregório, a quem tanto havia ofendido; e o Santo, ainda que todavia catecúmeno, invocou sobre ela o nome do Senhor, e no mesmo ponto ficou livre, começando já a descobrir-se o dom de milagres no servo de Deus ainda antes de receber o Batismo.

Recebeu-o pouco tempo depois, no ano de 239, e a graça do Sacramento fez desde logo em Gregório um dos maiores Santos e dos homens mais grandes de seu século. O alto conceito que formou do assinalado benefício que acabava de receber da mão liberal do Pai das misericórdias lhe inspirou tão vivos afetos de amor e de reconhecimento que as expressões com que ele mesmo os declara parecem vozes de um homem como fora de si e alienado.

Tendo estudado cinco anos na escola de Orígenes, restituiu-se a seu país, onde se despojou de todos os seus bens para revestir-se melhor de Jesus Cristo e retirou-se a uma solidão para entregar-se totalmente ao Senhor num tranquilo silêncio. Durou-lhe pouco tempo a vida de solitário, porque Fedimo, bispo de Amaseia (metrópole que foi depois da província do Ponto), prelado que havia recebido de Deus o dom de profecia e de sabedoria, entendendo que Gregório era um tesouro escondido no deserto, resolveu tirá-lo dele para enriquecer a Igreja. Era nosso Santo como uma tocha debaixo do alqueire na solidão, e pensou Fedimo colocá-la sobre o candelabro no lugar mais eminente, consagrando-o por bispo. Chegou Gregório a farejar este

pensamento: sobressaltou-se e, para eludir aquela ideia, pôs-se logo em oculta e precipitada fuga. Mas São Fedimo, com particular inspiração do céu, resolveu elegê-lo sem embaraçar-se em sua ausência; e assim, levantando os olhos ao céu, declarou diante de Deus e na presença de todo o povo que nomeava a Gregório por bispo de Neocesareia.[^1] Quando o Santo teve notícia do que havia passado, julgou que seria opor-se à vontade do Senhor fazer mais resistência a sua eleição, e foi consagrado por bispo daquela cidade.

Dominava nela a religião do Império, fumegando os templos com o incenso que se oferecia aos deuses da gentilidade. O nome de Jesus Cristo só era conhecido para ser menosprezado; e de toda a imensa multidão de gentes que habitava aquela grande cidade só dezessete pessoas haviam abraçado a fé cristã. Logo que foi consagrado, recolheu-se diante de Deus e lhe pediu fervorosamente a luz de que havia mister para pregar o Evangelho. Apareceram-lhe São João e a santíssima Virgem e lhe deram, segundo a ordem de Deus, aquela instrução que foi tão célebre na Igreja e se recitou no quinto sínodo ecumênico e universal, a qual instrução estava concebida nestas vozes:

«Não há mais que um só Deus Pai, o qual é Pai do Verbo vivo, sua sabedoria essencial, seu poder e sua eterna imagem. Ele é o que, sendo sumamente perfeito, engendrou um Filho tão perfeito como ele. É o Pai do único Filho. Não há mais que um Senhor, só Filho de só o Pai, Deus engendrado de Deus, caráter e imagem da divindade, palavra eficaz, pela qual foram formadas todas as criaturas, verdadeiro Filho do verdadeiro Pai, Filho invisível do Pai invisível, incorruptível do incorruptível, imortal do imortal, Filho eterno do que é desde toda a eternidade. Não há mais que um só Espírito Santo que procede de Deus e foi manifestado pelo Filho aos homens. É imagem perfeita do Filho, e uma imagem perfeita do que é perfeito, vida e princípio da vida dos que vivem: a fonte santa, a mesma santidade e o autor da santificação. Por ele foi manifestado Deus Pai, que é sobre todas as coisas e em todas as coisas, e Deus Filho, que está igualmente em todas as partes. Esta é a perfeita Trindade, que não é dividida, mas uma na glória, na eternidade e na soberania.»

Testifica São Gregório de Nissa que este símbolo da fé se olhou sempre com tanto respeito e com tanta veneração que em seu tempo ainda se usava dele em Neocesareia. Desta maneira foi ilustrado São Gregório sobre as verdades da Religião. Pediu ao Autor e consumador da fé a inteligência das verdades reveladas e a conseguiu no modo que acabamos de referir. Com a provisão deste sagrado depósito encaminhou-se a Neocesareia, onde estava bem entrincheirado o demônio. Mas o novo Davi da lei de graça dispõe-se a atacar, em nome de Cristo e de sua Mãe, o Golias da gentilidade: ataca-o, arrola-o e o destrói. No caminho, surpreendido da noite e de uma violenta chuva, abrigou-se em um dos mais famosos templos do país pelos oráculos que nele davam os demônios e passou toda a noite em oração. Saiu pela manhã prosseguindo seu caminho; um instante depois chega o sacerdote dos ídolos e lhe dizem os demônios que iam abandonar aquele templo: informam-no do que havia passado e, colérico o sacerdote, corre atrás do inimigo de seus deuses, alcança-o e o ameaça com que o havia de maltratar. Diz-lhe o Santo que, com o favor de Deus, lançaria os demônios de todos os lugares sempre que quisesse e faria que voltassem a entrar quando lhe desse vontade. Admirado o sacerdote do que ouvia, replicou-lhe que, se queria que o cresse, mandasse aos demônios que voltassem a entrar naquele templo. Cheio então o Santo daquela viva fé que faz milagres, tirou um livro que levava consigo, rompeu um pedaço de uma folha e escreveu nele estas palavras: *Gregório a Satanás: volta a entrar.*

Entrega-se ao sacerdote, vai-se este ao templo, põe a cédula sobre o altar, oferece os sacrifícios acostumados e vê todas as coisas que antes havia visto. Volta em diligência a buscar o Santo e, tendo-o alcançado antes que entrasse na cidade, suplicou-lhe que lhe explicasse os mistérios da Religião e lhe desse a conhecer aquele Deus a quem estava sujeito e rendido todo o inferno. Explicou-lhe Gregório os mistérios da Religião; mas, ao chegar ao da Encarnação, chocou-o muito, parecendo-lhe coisa indigna de um Deus deixar-se ver entre os homens em figura corporal. Respondeu-lhe o Santo que não haviam de provar esta verdade as palavras, mas as obras do poder de Deus. «Pois faze um milagre em minha presença», replicou-lhe o sacerdote, e lhe rogou que fizesse mudar de sítio um disforme penhasco que lhe assinalou: executou-o Gregório, e ao ponto se moveu o penhasco por si mesmo mudando de lugar, à vista do que se converteu aquele gentio. Entrou São Gregório na cidade; mas já se havia antecipado a ela a fama de seus prodígios: passou pelo meio de uma imensa multidão de idólatras sem olhar nem a um só, como se passasse pelo mais silencioso deserto. Admirou-os mais aquela modéstia do que os havia admirado a fama de seus milagres. Converteu desde logo a muitos e, crescendo cada dia o número e o fervor dos fiéis, determinou fabricar uma igreja que fosse capaz de contê-los a todos. Escolheu para isto o melhor e mais elevado sítio da cidade; mas encontrou o estorvo de um grande monte que ocupava parte do plano que havia traçado. Cheio de fé e de confiança pôs-se em oração e, acabada esta, por um prodígio inaudito retirou-se aquele monte, deixando livre o espaço que era necessário para o grande e sagrado edifício. Tinha aberto o coração para todos, e todos recorriam a ele em suas necessidades. Seja uma das provas este estranho sucesso: havia naquela província um rio que, especialmente no inverno, saía tão furiosamente de madre que inundava todo o país, causando grandes estragos. Acudiram ao santo Bispo os habitantes daquele paraje e lhe suplicaram que se compadecesse deles. Foi o Santo em sua companhia, levando na mão um bastão para seu descanso, e pelo caminho foi-lhes falando sobre o importante negócio da salvação. Chegando todos ao sítio onde se rompia o dique, disse-lhes Gregório que só ao poder de Deus pertencia assinalar às águas os limites que não podiam traspassar e que, sendo só Deus o que podia dar leis à natureza, só dele deviam esperar o milagre de ver detidas e suspensas as águas daquele rio. Não lhes disse mais; invocou o nome de Deus todo-poderoso: fixou o báculo na terra (prodígio raro); o báculo seco lançou raízes e se fez uma árvore corpulenta, contra a qual vinham a estrelar-se as ondas daquele rio quando estava mais inchado e mais enfurecido, nem mais nem menos como se estrelam cada dia as encrespadas ondas do mar contra um brando banco de areia. Não é nosso ânimo referir aqui todos os seus estupendos milagres: baste dizer que sua vida foi um milagre contínuo. Sustentou seu rebanho com a virtude de sua oração durante a perseguição de Décio e para o fim de sua vida achou-se no concílio de Antioquia, onde foi condenado Paulo de Samósata, que negava a divindade de Jesus Cristo. Conhecendo que se aproximava o fim de seus dias, visitou todo o seu bispado e trabalhou com tanta felicidade que nunca esteve nele mais florescente a Religião. Estando para morrer, quis saber quantos gentios havia na cidade e em seus contornos: disseram-lhe que só dezessete; e, levantando os olhos ao céu, deu graças a Deus, dizendo que deixava a seu sucessor tantos infiéis quantos cristãos havia encontrado ele na cidade quando tomou posse do bispado. Morreu santamente depois de fazer oração por eles e previu que não lhe comprassem sepultura, porque desejava ser tão pobre depois de morto como havia sido quando vivia. Morreu no dia 17 de novembro do ano de 270, perto dos setenta de sua idade; e seu corpo foi enterrado na igreja que ele mesmo havia fabricado, a qual se intitulou depois de seu nome.

Santo Acisclo e Vitória, Mártires

Córdoba, cidade tão antiga e magnífica que, ao falar da guerra de Aníbal, Sílio Itálico já tratava dela com honra, tem sido em todos os tempos fecunda mãe de varões ilustres nas armas e nas letras, na guerra e na paz. Nesta cidade nasceram, segundo a opinião mais comum, os gloriosos mártires de Jesus Cristo Acisclo e Vitória, de uns mesmos pais, para que uma mesma educação nas máximas do Evangelho tivesse o mesmo fim, que era dar seu sangue por Jesus Cristo. Nada se sabe dos primeiros anos de sua vida; mas pode supor-se que dois jovens que tiveram valor tão extraordinário para resistir às ameaças e promessas do astuto Dion não só foram desde o princípio bem cimentados na fé, mas procuraram consolidá-la em sua alma com o exercício de santas obras. As atas autênticas de seu martírio, tiradas do Códice membranáceo manuscrito que possui o convento de São João dos Reis de Toledo, são do teor seguinte:

No tempo em que Diocleciano pretendia destruir a religião de Jesus Cristo em todo o mundo, veio à cidade de Córdoba um presidente chamado Dion, em quem se competiam o ódio contra os Cristãos, a crueldade para atormentá-los e a sagacidade para procurar reduzi-los ao culto dos falsos deuses. Apenas chegou, sabendo que naquela cidade havia grande número de fiéis que adoravam a Cristo por verdadeiro Deus, promulgou o edito imperial que se havia publicado por todo o império romano, cujo conteúdo se reduzia a intimar que oferecesse incenso aos deuses do paganismo o que não quisesse sofrer os mais requintados e cruéis tormentos. Viviam então na cidade dois jovens irmãos, chamados Acisclo e Vitória, criados no santo temor de Deus, a quem davam verdadeiro e religioso culto e que desde os primeiros anos de sua vida haviam sempre exercitado a piedade dando louvores a Deus. Um tal Urbano, oficial do tribunal do Presidente, teve notícia dos dois Santos e do teor de vida que guardavam, arrumada em tudo às máximas do Evangelho. Gozoso com semelhante descobrimento, como quem sabia bem quanto lisonjearia com ele a crueldade do Presidente, foi a ele e lhe disse: «Por fortuna encontrei dois que desprezam teus editos e têm temeridade suficiente para afirmar que nossos deuses são de pedra e incapazes de dar favor algum àqueles que os adoram.» Ouviu o Presidente esta notícia com complacência pelo descobrimento e com ira pelo desprezo que via fazer de seus deuses; e assim mandou que os servos de Deus fossem trazidos a sua presença. Obedeceu-se seu preceito e, logo que os teve diante, falou-lhes desta maneira: «Sois porventura vós os que desprezais os sacrifícios que se fazem a nossos deuses e moveis sediciosamente o povo, persuadindo-o que se aparte de seu sagrado culto?» Ao que respondeu o bem-aventurado Acisclo: «Nós servimos a Nosso Senhor Jesus Cristo, não aos demônios nem às pedras imundas.» Disse-lhe o presidente Dion: «Chegou a tua notícia a sentença que temos mandado que sofram aqueles que não quiserem sacrificar?» Respondeu Acisclo: «E ouviste tu, ó Presidente, a pena que te tem preparada Jesus Cristo a ti e a teus Príncipes?» Ao ouvir isto, começou Dion a enfurecer-se contra o Mártir de Deus: uma raiva ferina se apoderou de seu coração para explicar-se a seu tempo; mas, dissimulando por então os movimentos cruéis que o agitavam, voltou os olhos lisonjeiros para Vitória e lhe disse: «Tenho lástima de ti, ó Vitória, como se foras filha minha; aproxima-te, pois, das aras e adora os deuses para que tenham misericórdia de tuas culpas e te livrem do erro que padeces. Olha que, se recusas aceder a estes conselhos de pai, ver-me-ei obrigado a executar em ti os mais cruéis e terríveis tormentos.» A bem-aventurada Vitória, desprezando inteiramente as palavras lisonjeiras de seu

discurso, respondeu ao último desta maneira: «Far-me-ás um grande favor, ó Presidente, se executares em mim o que disseste.» Então Dion, voltando-se a Santo Acisclo, lhe disse: «Acisclo, volta a ti e pensa bem que estás na flor de tua idade e que é lástima que pereças numa sazão tão temporã e florida.» A esta proposta respondeu Santo Acisclo: «Eu não tenho outra coisa que pensar senão em Jesus Cristo, que me formou do pó da terra; mas tu covardemente intentas obrigar os homens para que adorem umas imagens feitas por suas mãos, que nem têm olhos nem sentido algum.»

Estas animosas respostas dos Santos acenderam em cólera a Dion e mandou que, tirando-os de sua presença, os encerrassem no calabouço mais tétrico e profundo. Executou-se a ordem do Presidente; e, encerrados os Santos no lôbrego cárcere, começaram a tributar graças a Deus, fazendo oração e entoando-lhe magníficos louvores porque lhes havia dado graça para vencer as capciosas propostas do Presidente; e, confiados em sua misericórdia, esperavam vencer também seus tormentos, que já haviam começado a experimentar. Os gentios, crendo que, debilitadas as forças do corpo, decairia também aquele ânimo esforçado que haviam apresentado ao princípio, negaram-lhes todo alimento. Os Santos, cheios de confiança, dirigiam suas orações ao céu, sem cuidar-se mais de outra coisa, como se seus corpos não fossem de uma matéria terrena; mas Deus nunca desampara os que colocam nele suas esperanças. Em meio das espantosas trevas daquele horroroso calabouço viram Acisclo e Vitória que, rompendo-se os céus, desceram quatro Anjos cercados de luz resplandecente, os quais lhes traziam do céu uma deliciosa comida que lhes confortasse o corpo e lhes vivificasse o espírito. Ao ver os santos Mártires uma misericórdia de Deus tão estranha, fizeram oração a Deus e lhe deram graças deste modo: «Deus e Senhor nosso, que és rei dos céus e médico das chagas ocultas, sabemos, Senhor, que não nos desamparas, mas que te lembraste de nós e nos enviaste do lugar excelso em que habitas, por meio de teus santos Anjos, uma comida de saúde, com a qual nossas almas se encheram de fortaleza e esperam o fruto da redenção.» Enquanto passava isto no cárcere, o iníquo Dion estava meditando os meios de apartá-los de sua crença ou de fazê-los padecer tais tormentos que pudessem servir de escarmento aos demais cristãos. Mandou, pois, que os tirassem do cárcere e os trouxessem a sua presença; e, tendo-os trazido, disse-lhes: «Fazei o que vos mando e sacrificai aos deuses, porque de outra maneira devereis sofrer acerbíssimos tormentos.» A isto respondeu Santo Acisclo: «A que deuses nos mandas que sacrifiquemos, ó Dion? Porventura a Apolo e Netuno, que são dois falsos e imundos demônios? Ou a que deuses nos queres obrigar a adorar? Acaso a Júpiter, que é o príncipe de todos os vícios? Acaso à desonesta Vênus? Acaso ao adúltero Marte? Eh! Não queira Deus que veneremos de nenhuma maneira os que temos vergonha de imitar. O que eu anuncio ao povo que está presente e tu congregaste neste sítio são os nomes dos Santos, cuja companhia espero gozar nos céus. Porque a quem queres tu, ó Dion, comparar com o primeiro de todos os Apóstolos, o bem-aventurado Pedro, o qual se chama também coluna da Igreja? Acaso queres comparar com ele a Apolo, que é a perdição do século? Dize-me, Dion, a quem queres comparar com os Profetas e Mártires? Acaso a Hércules o lutador, que viveu facinorosamente e cometeu sobre a terra os mais execráveis delitos? Dize-me, finalmente, a quem queres que se venere com maior razão, a Diana, matadora de inocentes, ou à Virgem santa Maria, que engendrou nosso Salvador e Senhor Jesus Cristo, sendo Virgem antes do parto e permanecendo sempre Virgem gloriosa depois de ter parido? Envergonha-te, pois, ó Dion, pois não são deuses aqueles que adoras, mas ídolos desprezíveis, surdos e mudos.» Esta resposta, que foi um discurso patético e convincente da falsidade dos deuses, fechou a boca ao Presidente; mas acendeu a ira em seu coração, e assim mandou que os

atormentassem. Mandou que a Santo Acisclo o açoitassem com varas e a Santa Vitória que a ferissem cruelmente nas plantas dos pés. Presenciou estes tormentos o tirano e, não tendo por então meditados tão atrozes tormentos como se necessitavam para saciar sua crueldade, mandou que os levassem ao cárcere, dizendo: «Tornai a encerrá-los até que medite as penas com que hão de ser afligidos.»

Meditou-as naquela noite e, no dia seguinte, tendo-se sentado em público tribunal, mandou que os trouxessem do cárcere. Obedeceram os soldados e, ao tempo que os traziam, como conheciam as gentes a condição terrível do Juiz e os tormentos espantosos a que iam ser entregues, moviam-se a lástima dos dois santos irmãos, e até os mesmos gentios diziam em voz alta: «Ó Deus e Senhor em quem creem estes desventurados, ajuda-os, posto que em ti têm colocado sua confiança.» Logo que Dion os viu ao longe, mandou que os apresentassem a seu tribunal e, olhando-os com um semblante terrível, voltou-se aos ministros que o rodeavam e lhes deu ordem de que acendessem uma grande fogueira e precipitassem nela os Santos. Obedeceu-se imediatamente o decreto e, aplicando o fogo a grande porção de matérias combustíveis que estavam de antemão preparadas, em breve rato se fez uma fogueira espantosa. Ao tempo que levavam a ela os santos Mártires, iam estes com um semblante alegre e risonho, como se fossem ao convite mais delicioso; e, levantando os olhos ao céu, fizeram oração a Deus com a firme esperança de que manifestaria neles sua onipotência e sua misericórdia. Nisto chegaram à fogueira e, fortalecendo-se os Santos com o sinal da cruz, eles de sua própria vontade e por seus mesmos pés entraram até o meio do fogo. Mas oh misericórdias do Senhor! Quando a grandeza da fogueira e a voracidade daquele elemento davam motivos suficientes para persuadir-se de que no mesmo instante em que entrassem seriam abrasados e reduzidos a cinzas, viram todos com admiração que permaneciam entre as chamas sem receber dano algum, cantando e louvando a Deus como se estivessem num leito de rosas. O Senhor, que havia ouvido suas orações, enviou-lhes do céu seus santos Anjos; os quais acompanhavam a Acisclo e Vitória no meio da fogueira e os ajudavam a entoar magníficos louvores ao Deus das alturas com tal doçura e melodia que os que estavam ao redor o ouviam clara e distintamente. Os satélites e verdugos que por ordem do Presidente haviam acendido a fogueira e estavam executando o suplício, atônitos e espantados com o que viam e ouviam, foram-se a Dion e lhe disseram: «Ó Presidente, ao tempo de executar teu mandamento temos ouvido que do meio da fogueira se ouviam muitas vozes como de pessoas que cantavam e diziam: *Glória seja dada a Deus nas alturas, e na terra paz aos homens de boa vontade.*» Ao ouvir isto, o Presidente conheceu o grave risco que corria a gentílica superstição e o crédito de sua pessoa se os Santos permaneciam mais tempo no fogo. Mandou que os tirassem ao instante e que os trouxessem diante dele. Logo que lhos trouxeram, começou a olhá-los por todas as partes, incrédulo todavia do que lhe haviam contado; mas, logo que seus olhos examinaram a toda a sua satisfação os Santos, viu claramente que o fogo não lhes havia danificado nem um cabelo da cabeça e, olhando-se a si mesmo, baixou os olhos em sinal de admirado e confuso.

Quem creria que um prodígio tão maravilhoso, de que o mesmo Dion era testemunha e que havia causado nele a admiração e a vergonha, não o tiraria de seus erros, ou ao menos quem não esperaria que temperasse sua sanha e que dali em diante olhasse os Mártires de Jesus Cristo com olhos mais respeitosos? Este devia ser o efeito do que Dion havia presenciado, se seu entendimento estivesse livre das preocupações da superstição e capaz de deixar-se ferir dos raios da verdade; mas, pelo contrário, sua razão ofuscada com as trevas do erro olhou como prestígios

os que eram verdadeiros milagres da onipotência; e assim, cheio desse brutal entusiasmo, disse aos Mártires: «Ó desventurados e miseráveis! Onde aprendestes com tanta perfeição a arte de feiticeiros que pudestes fazer que o fogo não vos faça dano? Eia, deixai já essa arte mágica e vinde adorar e oferecer sacrifícios a nossos deuses para que eles também vos favoreçam. E tu, ó Vitória, dize-me: em que tendes vossa confiança para persistir tão soberbos em vosso propósito? Que decidis de vós ou que esperais?» Então a Santa, cheia daquela vivacidade de espírito e fortaleza que havia causado nela o milagre do Senhor e enfurecida de certo modo contra a protérvia do iníquo juiz, respondeu assim: «Não te dissemos já, espírito imundo, carniceiro e desprezível verme, que Jesus Cristo é nosso Pai, nosso Senhor e nosso Salvador, o qual nos dá força para vencer os que não o conhecem e para desprezar vossas abominações, com as quais enganados adorais os falsos deuses?» Então o Presidente, irado com esta resposta, mandou a seus ministros que levassem os dois Santos à ribeira do rio e, atando-lhes ao pescoço umas grandes e pesadas pedras, os lançassem nele para que morressem afogados. Executou-se assim, e atadas umas enormes pedras ao pescoço, foram lançados ao rio. Mas os Anjos do Senhor, que no cárcere os haviam libertado da fome e das trevas e na fogueira haviam feito que a voracidade do fogo não fizesse neles o menor dano, sustentaram agora também os santos Mártires, para que, sem embargo do peso que lhes haviam atado aos pescoços, nadassem sobre as águas. Era um espetáculo assombroso ver os Santos andar sobre as águas do rio como se estas fossem consistentes e que com os semblantes cheios de alegria, fixos seus olhos no céu, em voz clara e perceptível oravam a Deus desta maneira: «Senhor Jesus Cristo, Rei de todos os séculos, que sempre estás pronto a favorecer os que te invocam e nunca desamparas os que te buscam, assiste agora a teus servos e, manifestando tuas maravilhas, faze que nesta hora e nestas águas recebamos o sinal sagrado: veste-nos os vestidos da imortalidade, pois tu és o mesmo que andaste sobre as águas do rio e lhes lançaste tua bênção, para que, recebendo nós a lavadura de regeneração, mereçamos ser limpos da mancha que contraímos. Ilustra-nos, Senhor, com tua santa caridade e veste-nos do resplendor de tua glória para que te demos glória e honra por todos os séculos dos séculos.» Fazendo esta oração e perseverando os Santos sobre as águas sem que pudessem retrair-se das margens do rio os inumeráveis testemunhas daquela maravilha, por volta da meia-noite ouviram uma voz do céu dirigida aos Mártires que dizia assim: «O Senhor ouviu vossa oração, ó fidelíssimos servos seus, e vos concedeu quanto lhe pedistes.»

Ao tempo que sucediam estas coisas veio uma nuvem resplandecente do céu que se pôs sobre suas cabeças, e imediatamente advertiram os santos Mártires que vinha Jesus Cristo com grande aparato de glória e diante dele uma multidão inumerável de Anjos que lhe ofereciam suavíssimos aromas e em dulcíssimos hinos lhe entoavam louvores. Alegraram-se os Santos com tão magnífica visão e, olhando para o Salvador, inundados seus corações de alegria, disseram: «Filho do Deus vivo, Jesus Cristo invisível, imaculado, que desceste hoje do alto dos céus acompanhado de tanta glória de Anjos sobre estas águas do rio e nos deste o vestido de imortalidade e de renovação, a ti te bendizemos, a ti te louvamos, a ti damos glória, que com o Pai e com o Espírito Santo possuis um mesmo reino de majestade, agora e sempre e pelos séculos dos séculos, amém.» Finalizada esta oração, saíram por si mesmos do rio e tornaram ao cárcere, onde foram introduzidos pelos santos Anjos que os acompanhavam. Chegou a ouvidos do Presidente quanto havia sucedido e como os Santos de sua própria vontade haviam voltado ao calabouço; e mandou imediatamente que os trouxessem diante de si. Logo deu ordem aos verdugos que trouxessem ali duas rodas e que, atando os Santos nelas, lhes pusessem fogo debaixo e lhes lançassem azeite para que a

chama fosse maior e os Santos fossem mais prontamente consumidos. Fez-se assim e, dando voltas às rodas, iam-se despedaçando e queimando pouco a pouco os corpos dos santos Mártires, os quais, olhando para o céu, disseram: «Bendizemos-te, Deus nosso, que estás nos céus, e a ti, Senhor Jesus Cristo, damos graças. Não nos desampares nesta luta, mas antes bem alarga tua mão e, tocando este fogo que nos queima, apaga-o para que o ímpio Dion não se glorie com nossa ruína.» Apenas os Santos haviam dito isto quando saltou o fogo da fogueira com tal violência que matou mil quinhentos e quarenta idólatras dos que estavam assistindo ao suplício e divertindo-se com os tormentos que os Santos padeciam. Ao mesmo tempo estavam estes tão descansados sobre as rodas como se estivessem sobre uns leitos deliciosos, porque os santos Anjos não cessavam de dar-lhes sua assistência. Tão grandes maravilhas não puderam deixar de fazer alguma mossa no iníquo tirano, e assim mandou que os tirassem das rodas e os trouxessem a sua presença. Quando os teve diante, disse-lhes assim: «Basta-vos já de porfia, ó infelizes, pois já manifestastes bastante todas as vossas artes mágicas. Vinde, pois, ainda que tarde, e, aproximando-vos das aras, oferecei sacrifício aos deuses invictíssimos que vos sofrem.» Ao ouvir isto, Acisclo disse: «Insensato e sem entendimento nem temor de Deus, não vês com esses teus olhos cegos as grandezas de Deus, que fez o Pai celestial juntamente com seu unigênito e coeterno Filho Jesus Cristo Senhor nosso, o qual livra todos os seus servos de vossas mãos iníquas?» Então Dion, cheio de ira, mandou que separassem a Acisclo de Vitória e que a esta lhe cortassem os peitos. Executou-se o bárbaro decreto e, ao tempo que os verdugos faziam a cruel operação, disse Santa Vitória: «Dion, de coração de pedra e indigno de participar para sempre jamais das virtudes de Cristo, mandaste que me cortassem os peitos, mas volta esses olhos e olha, para tua confusão, como em lugar de sangue sai deles leite.» E, olhando a bem-aventurada Vitória para o céu, disse: «Graças te dou, Senhor Jesus Cristo, Rei dos séculos, que te dignaste conceder-me que em obséquio de teu santo nome me fossem cortados todos os impedimentos de meu corpo, porque sei que já chegou a hora em que queres que deixe este mundo e vá gozar de tua inefável glória.»

Tendo dito isto, o pérfido Dion mandou que voltassem ao cárcere Acisclo e Vitória; e, tendo-se executado, todas as matronas que havia em Córdoba vieram consolar Vitória, admiradas das penas que havia sofrido: traziam-lhe para este efeito muitos presentes e regalos dos bens que possuíam; e, entrando no cárcere, acharam-na sentada meditando nas grandezas de Deus. Prostraram-se imediatamente a seus pés, beijando-os muitas vezes. A Santa lhes falava dos divinos mistérios; e as matronas chegaram a admirar-se tanto de sua sabedoria, de sua fortaleza e virtude que sete delas se converteram, crendo no nome de Nosso Senhor Jesus Cristo. No dia seguinte o ímpio Dion mandou que lhos trouxessem e, tendo-os em sua presença, disse à Santa: «Vitória, já chegou teu tempo: aproxima-te e converte-te aos deuses; e, se assim não o fizeres, arrancar-te-ei a alma.» A venerável Vitória lhe respondeu: «Ímpio Dion, de hoje já mais não terás descanso nem neste século nem no futuro.» Ouvindo isto o Presidente e não podendo sofrer a injúria, mandou que lhe cortassem a língua. Mas a bem-aventurada Vitória levantou suas mãos ao céu e disse: «Deus e Senhor meu, Criador de toda bondade, que não desamparaste tua serva, olha-me agora desde teu santo trono e manda que eu acabe a vida neste sítio, porque já é hora de que descanse em ti.» Apenas acabou de fazer esta oração quando se ouviu uma voz do céu que dizia: «Imaculados e limpos que tanto trabalhastes, vinde, que já estão os céus abertos para vós e neles tendes um reino reservado. Todos me glorificam e bendizem por causa vossa, porque desde o princípio sofrestes muito por mim, e todos os justos se regozijam com a notícia de vossa batalha e de vossa vitória.» E dali a pouco se ouviu outra voz que lhes dizia: «Vinde a mim, Santos meus, e recebereis

as eternas coroas e o prêmio de vossa peleja.» Ouviu Dion esta voz do céu e mandou que cortassem a língua a Santa Vitória, porque, enquanto haviam durado aquelas falas celestiais, não haviam executado os verdugos o primeiro decreto. Cortaram-lhe a língua e, recebendo na boca Santa Vitória o pedaço que lhe haviam cortado, cuspiu-o ao Juiz no rosto e, dando-lhe num olho, deixou-o cego. Então a Santa exclamou em voz alta dizendo: «Ó Dion desonesto e posto por Deus em trevas, desejaste comer o órgão de meu corpo e cortar minha língua que bendizia ao Senhor; justamente perdeste a vista, pois, vindo sobre teu rosto a palavra do Senhor, te disse cego e privado de toda luz.» Este fato acabou de consumar a ira de Dion, o qual, raivoso e enfurecido, já pela cegueira que padecia, já pelas injúrias com que o afrontava, mandou que a assetassem. Levaram Santa Vitória ao lugar do suplício e, tendo-lhe atirado duas setas que ficaram cravadas em seu bendito corpo, à terceira que lhe deu no costado perdeu a vida, conseguindo ao mesmo tempo um ilustre martírio. A Santo Acisclo mandou que o levassem ao anfiteatro e que ali o degolassem.

Nota

Foi este glorioso triunfo tal dia como hoje, o ano não se sabe. Ficaram seus sagrados cadáveres nos sítios onde padeceram, Vitória no alto da cidade, Acisclo à margem do rio. Chegada a noite, uma piedosa mulher chamada Minciana ou Miniciana foi desde sua casa até os Mármoles e praça de São Salvador e, recolhendo o corpo de Santa Vitória, desceu à margem do rio e lhe deu sepultura junto com o de Santo Acisclo. Vinda a paz à Igreja, edificou-se ali um templo com a invocação dos santos Mártires. Ergueu-se um altar no lugar de seu sepulcro segundo o costume daqueles tempos. Foi este templo muito frequentado e venerado dos godos e também na dominação dos árabes, do que ficam muitas memórias em São Eulógio e outros escritores daquele tempo. Ali foram sepultados São Perfeito e São Sisenando e depositadas as cabeças das santas Flora e Maria e de São Argimiro, e queimados os santos Fausto, Januário e Marcial. Quando os sarracenos eram senhores de Córdoba, Adulfo, conde ou juiz dos cristãos que havia naquela cidade, fez uma copiosa doação de livros sagrados à igreja destes santos Mártires, o que celebrou com dois epigramas Cipriano o arcipreste de Córdoba. Fez-se uma grande divisão das relíquias de Santo Acisclo. São Eulógio enviou uma canela a Wilesindo, bispo de Pamplona. Ambrósio de Morales diz que no mosteiro de Beneditinas de São Romão, dito de Hormisga, entre Tordesilhas e Toro, há relíquias de nosso Santo desde o século VII. Roa diz que desde o ano 668 as há também em Medina Sidônia na ermida que chamam de Santiago do Caminho. No mosteiro de São Salvador de Breda, na Catalunha, também de Beneditinos, há sessenta e dois pedaços de ossos de Santo Acisclo e Vitória, levados de Córdoba a princípios ou à metade do século XIII em virtude de doação feita pelo visconde de Cabrera D. Geraldo e confirmada por seu irmão D. Ramon de Cabrera em maio de 1263.[^2] No tempo de Carlos Magno, pelos anos de 810, foram levadas a Toulouse, na França, as cabeças e outras insignes relíquias de nossos Mártires e colocadas na que depois foi igreja catedral de São Saturnino. As que ficaram em Córdoba foram trasladadas à igreja de São Pedro no ano de 1125. A antiga igreja de Santo Acisclo e Vitória foi dada depois da conquista aos monges Bernardos; no ano 1530 passou aos religiosos da Ordem de São Domingos.

O culto destes Santos é antiquíssimo, têm ofício próprio no rito gótico; no códice Veronense há também memória da festa de Santo Acisclo.

Santa Gertrudes, Virgem e Abadessa

Santa Gertrudes foi de uma família ilustre e nasceu em Eisleben ou Islebe, na Alta Saxônia, e foi irmã de Santa Matilde. Aos cinco anos de sua idade foi oferecida a Deus no convento beneditino de Rodersdorf e aos trinta eleita abadessa daquela casa no ano de 1251; e no seguinte foi obrigada a tomar a seu cargo o governo do mosteiro de Helfta, ao qual foi trasladada com suas monjas. Sendo jovem havia estudado a língua latina, como era costume entre as monjas: escrevia e compunha muito bem neste idioma e era medianamente versada na sagrada literatura. Sempre olhou como principal obrigação e destino de seu estado a contemplação e a oração e assim consagrava a estes exercícios a maior parte do tempo. A paixão de nosso Redentor era o objeto favorito de suas devoções; e, quando meditava nela ou na sagrada Eucaristia, por via de regra não podia conter as torrentes de lágrimas que derramavam seus olhos. Falava de Cristo e dos mistérios de sua adorável vida com tanta energia e com tantos transportes de amor que arrastava os corações dos que a ouviam. Eram muito familiares a esta Santa os arroubos e os êxtases do amor divino, com os dons celestiais de sua oração. Ela mesma conta que, ouvindo uma vez estas palavras: *Eu vi o Senhor face a face*, que estavam cantando na igreja, viu como um rosto formosíssimo cheio de luz, brilhos e resplendores, cujos olhos penetravam seu coração e encheram sua alma e seu corpo de uma delícia inexplicável que não pode expressar língua alguma. O amor divino que em seu peito ardia e consumia sua alma parecia o único princípio de todas as suas ações e afetos. Para esta preciosa graça preparou-se sua alma pura com a crucificação de seu coração para o mundo e para os apetites desordenados de toda espécie. A vigília, o jejum, a abstinência, a obediência perfeita e uma constante negação de sua própria vontade foram as armas com que domou sua carne e extirpou e subjugou quanto podia haver-se oposto a que reinasse a vontade de Deus em sua alma e em seus afetos. Mas nesta obra teve a parte mais principal a profunda humildade e a mansidão perfeita; as quais puseram os fundamentos ao edifício de todas as virtudes a que a elevou a divina misericórdia. Ainda que estava adornada de uns talentos naturais superiores e dos dons mais extraordinários da divina graça, sua mente estava penetrada e inteiramente persuadida aos sentimentos de sua própria baixeza e de suas imperfeições. Todo o seu desejo era que todos os demais a desprezassem também, e costumava dizer que lhe parecia um dos maiores milagres da infinita bondade de Deus o que sua divina Majestade sofresse que a sustentasse a terra. Ainda que superiora e mãe de todas as demais, portava-se com elas como a mais humilde serva e até como indigna de aproximar-se delas; pois tão sinceros eram os humildes sentimentos de seu coração. Sem embargo de quanto se dava aos exercícios da santa contemplação, jamais abandonava as obrigações de Marta; e assim era sumamente solícita em prover às necessidades alheias, em dispor todas as suas coisas e em dar-lhes com especialidade todos os socorros espirituais que em sua mão estavam. Nos progressos que sua vida interior fazia nas virtudes achava os felizes frutos de suas diligências zelosas e pias instruções. Sua terna devoção à Mãe de Deus não pôde deixar de

nascer do amor que professava a seu divino Filho; e as almas benditas do purgatório tiveram também muita parte em sua compaixão e caridade.

Temos um vivo retrato de sua alma pura e santa em seu curto livro das *Divinas insinuações* ou comunicações e sentimentos de amor, a mais útil produção talvez que pode achar-se depois dos escritos de Santa Teresa, com que tenha enriquecido jamais à Igreja uma mulher justa, para fomentar a piedade do estado contemplativo. Esta Santa propõe nele exercícios para renovar os votos batismais, com que a alma renuncia inteiramente ao mundo e suas pompas, consagra-se ao amor puro de Deus e se dedica a seguir em tudo aquela santa vontade. Iguais exercícios prescreve para a conversão de uma alma a Deus e para a renovação de seus santos esponsais espirituais e a consagração de si mesma a seu Redentor por um vínculo de indissolúvel amor, rogando-lhe que lhe seja concedida a graça de morrer para si mesma, ser sepultada no Senhor, de modo que só ele, que é todo o seu amor, seja noticioso de seu estado ou de seu sepulcro; e que não tenha ela outro emprego que o amar a quem tanto a ama. Estes sentimentos os repete com admirável variedade em toda a sua obra e na última parte dela insiste muito nos ardentes desejos de ver-se unida quanto antes a seu amor na glória eterna, pedindo a seu divino Redentor, por seus tormentos e paixão e por sua misericórdia infinita, que a purifique de todos os afetos terrenos, para poder ser admitida à presença divina. Alguns daqueles ais e suspiros com que expressa seu desejo e sede ardente por aquela união são tão celestiais que mais parece proceder da boca de um que tenha já gostado das felicidades da bem-aventurança que de um peregrino desta vida mortal: tão fortemente impressos se acham em suas expressões estes divinos sentimentos. Isto é notável particularmente no exercício em que aconselha à alma devota que às vezes dedique um dia a louvar e dar graças sem interrupção, para suprir os defeitos que nesta ocupação tenham podido ocorrer-lhe nos exercícios cotidianos dos demais dias e procurar associar-se com a perfeição possível aos espíritos celestiais nestes exercícios. Igual meio propõe para suprir todos os defeitos que tenha podido ter no amor divino, dedicando um dia inteiro aos afetos do amor divino. Esta Santa, como uma casta rola, jamais interrompia seus ais e suspiros, sem admitir consolo humano, todo o tempo que se lhe dilatava sua eterna felicidade; não obstante de que se regozijava com a esperança e o amor, com a resignação à vontade de Deus, com as visitas do espírito divino consolador, sofrendo, padecendo e trabalhando pelo amor de seu amado Redentor. Seus desejos foram enfim cumpridos e, tendo sido abadessa quarenta anos, foi chamada aos castos abraços de seu celestial Esposo no de 1292, tendo morrido um pouco antes sua irmã Matilde. A última enfermidade de Santa Gertrudes mais pareceu deliquio de amor que doença; pois com toda esta abundância recebeu as consolações do Espírito Santo. Muitos milagres deram testemunho de quão preciosa havia sido sua morte à vista do Senhor. É honrada com um ofício particular no Breviário romano neste dia. A lipsanografia ou catálogo de relíquias que se guardam no palácio de Brunswick-Lüneburg, impresso em Hanôver no ano de 1713, faz menção entre outras das relíquias de Santa Gertrudes, que se conservam numa rica urna. (Butler.)

São Gregório, Bispo de Tours, Confessor

O segundo precioso ornamento da igreja de Tours depois do grande São Martinho foi Jorge Florêncio Gregório. Nasceu em Auvergne, de uma das famílias mais ilustres daquele país, tanto por sua opulência como por sua nobreza; e, o que era todavia mais apreciável, a piedade parecia hereditária nela. Leocádia, avó do Santo, descendia de Vécio Epágato, ilustre Mártir de Lyon. Seu pai era irmão de São Galo, bispo de Clermont, em cujo tempo e no de seu sucessor Santo Avito recebeu deles sua educação São Gregório. Recebeu do primeiro a tonsura clerical e foi ordenado de diácono pelo último. Tendo contraído uma perigosa enfermidade, para recobrar sua saúde quis fazer uma visita de devoção ao sepulcro de São Martinho de Tours e apenas havia deixado aquela cidade quando, por morte de Eufrônio, o clero e o povo, que se havia prendado de sua piedade, doutrina e humildade, o nomearam por bispo. Os deputados o alcançaram na corte de Sigeberto, rei de Austrásia e, compelido o Santo a condescender, ainda que muito contra sua vontade, foi consagrado por Gil, bispo de Reims, no dia 22 de agosto do ano de 573, sendo de trinta e quatro anos de idade. A fé e a piedade receberam na diocese de Tours um novo incremento sob sua direção. Reedificou sua catedral, que foi fundada por São Martinho, e outras várias igrejas: assistiu ao concílio de Paris no ano de 577 e nele defendeu São Pretextato, bispo de Ruão, com tanto zelo e prudência que ganhou o aplauso do mesmo rei Chilperico, perseguidor daquele ofendido Prelado. Os Arianos e Sabelianos foram confundidos muitas vezes na França por nosso Santo, e a maior parte deles trazidos à unidade de fé com sua brandura e erudição. Santo Odão exalta sua humildade profunda, sua mansidão, o ardente zelo pela Religião e a caridade com todos, especialmente com seus inimigos. A pureza admirável de sua vida e costumes não foi capaz de livrá-lo das calúnias e perseguições, e foi acusado de ter intentado render ou entregar a cidade de Tours ao rei Childeberto; mas indenizou-se num concílio celebrado em Braine, palácio real a três léguas distante de Soissons no ano 580. Chilperico condenou em Braine um homem chamado Dacco, acusado de traição, a morte ignominiosa. Dacco pediu um sacerdote sem que o Rei o soubesse e o admitiu à penitência, com o que recebeu seu castigo, conformando-se com sua sentença. Este é um exemplar de penitência secreta e de confissão em artigo de morte e da ímpia máxima que prevalecia antigamente na França de recusar os Sacramentos aos réus de morte que eram sentenciados por delitos muito graves. A estupidez e vaidade do rei Chilperico se deixam ver muito bem nas altercadas disputas que teve com São Gregório sobre os artigos fundamentais de nossa fé, em que o Santo se opunha e contradizia vigorosamente suas extravagâncias. No ano de 594 foi nosso Santo por devoção a Roma e foi recebido com muita distinção do papa Gregório o Magno, que lhe presenteou uma rica cadeia de ouro. Aquele Pontífice admirou o grande das graças e virtudes de sua alma e o baixo de sua estatura. Ao que disse o bispo de Tours: «Somos como Deus nos fez; mas este Senhor é o mesmo no grande que no pequeno»: como quem dissesse que Deus é autor de tudo quanto bom há em nós e que a ele só é devido o louvor. Vários milagres se atribuem a São Gregório de Tours, que ele aplicava a São Martinho e a outros Santos cujas relíquias levava sempre consigo. Tendo sido presos certos ladrões que haviam roubado a igreja de São Martinho, temeu São Gregório que o rei Chilperico lhes fizesse tirar a vida e lhe escreveu em favor daqueles delinquentes; e, como não houve quem pedisse contra eles, perdoou-os e foram postos em liberdade. Este Santo foi bispo vinte e três anos e morreu em 17 de novembro de 596. Antes de morrer dispôs que seu corpo o enterrassem em sítio em que todos ao passar à igreja pudessem pisar seu sepulcro e que não se erigisse memória nem monumento algum. Mas o clero depois lhe ergueu um à mão esquerda do túmulo de São Martinho. (Butler.)

Missa (oração)

A missa é em honra de São Gregório, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Da, quæsumus, omnipotens Deus, ut beati Gregorii, confessoris tui atque pontificis, veneranda solemnitas et devotionem nobis augeat et salutem. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Suplicamo-vos, ó Deus todo-poderoso, que na venerável solenidade do bem-aventurado pontífice e confessor São Gregório aumenteis em nós o espírito de fervor e o desejo de nossa salvação. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 44 e 45 do Eclesiástico (o impresso remete à página do dia 4).[^3]

Eclesiástico 44,16-27; 45,3-20

> **Latim:** 16 Enoch placuit Deo, et translatus est in paradisum, ut det gentibus pœnitentiam. 17 Noë inventus est perfectus, justus, et in tempore iracundiæ factus est reconciliatio. 18 Ideo dimissum est reliquum terræ, cum factum est diluvium. 19 Testamenta sæculi posita sunt apud illum, ne deleri possit diluvio omnis caro. 20 Abraham magnus pater multitudinis gentium, et non est inventus similis illi in gloria : qui conservavit legem Excelsi, et fuit in testamento cum illo. 21 In carne ejus stare fecit testamentum, et in tentatione inventus est fidelis. 22 Ideo jurejurando dedit illi gloriam in gente sua, crescere illum quasi terræ cumulum, 23 et ut stellas exaltare semen ejus, et hæreditare illos a mari usque ad mare, et a flumine usque ad terminos terræ. 24 Et in Isaac eodem modo fecit, propter Abraham patrem ejus. 25 Benedictionem omnium gentium dedit illi Dominus, et testamentum confirmavit super caput Jacob. 26 Agnovit eum in benedictionibus suis, et dedit illi hæreditatem, et divisit illi partem in tribubus duodecim. 27 Et conservavit illi homines misericordiæ, invenientes gratiam in oculis omnis carnis. 3 Glorificavit illum in conspectu regum, et jussit illi coram populo suo, et ostendit illi gloriam suam. 4 In fide et lenitate ipsius sanctum fecit illum, et elegit eum ex omni carne. 5 Audivit enim eum, et vocem ipsius, et induxit illum in nubem. 6 Et dedit illi coram præcepta, et legem vitæ et disciplinæ, docere Jacob testamentum suum, et judicia sua Israël. 7 Excelsum

> fecit Aaron fratrem ejus, et similem sibi, de tribu Levi. [8] Statuit ei testamentum æternum, et dedit illi sacerdotium gentis, et beatificavit illum in gloria : [9] et circumcinxit eum zona gloriæ, et induit eum stolam gloriæ, et coronavit eum in vasis virtutis. [10] Circumpedes, et femoralia, et humerale posuit ei : et cinxit illum tintinnabulis aureis plurimis in gyro : [11] dare sonitum in incessu suo, auditum facere sonitum in templo in memoriam filiis gentis suæ. [12] Stolam sanctam auro, et hyacintho, et purpura, opus textile viri sapientis, judicio et veritate prædíti : [13] torto cocco opus artificis gemmis pretiosis figuratis in ligatura auri, et opere lapidarii sculptis, in memoriam secundum numerum tribuum Israël. [14] Corona aurea super mitram ejus expressa signo sanctitatis, et gloria honoris : opus virtutis, et desideria oculorum ornata. [15] Sic pulchra ante ipsum non fuerunt talia usque ad originem. [16] Non est indutus illa alienigena aliquis, sed tantum filii ipsius soli, et nepotes ejus per omne tempus. [17] Sacrificia ipsius consumpta sunt igne quotidie. [18] Complevit Moyses manus ejus, et unxit illum oleo sancto. [19] Factum est illi in testamentum æternum, et semini ejus, sicut dies cæli, fungi sacerdotio, et habere laudem, et glorificare populum suum in nomine ejus. [20] Ipsum elegit ab omni vivente, offerre sacrificium Deo, incensum, et bonum odorem, in memoriam placare pro populo suo :

Português: [16] Henoc agradou a Deus, e foi trasladado ao Paraíso, para exortar as nações à penitência. [17] Noé foi achado perfeito, justo, e no tempo da ira veio a ser a reconciliação dos homens. [18] Por isso foram deixadas umas relíquias déles sobre a terra, quando veio o dilúvio. [19] Com êle foi feito o pacto eterno, que não pudesse ser destruída por outro dilúvio tôda a carne. [20] O grande Abraão foi o pai da multidão das nações e não se achou outro semelhante a êle em glória, o qual guardou a lei do Excelso, e com êle se pôs em aliança. [21] Em sua carne ratificou esta aliança, e êle na tentação foi achado fiel. [22] Por isso jurou o Senhor que lhe havia de dar glória em sua família, que êle cresceria como o pó da terra, [23] e que exaltaria a sua descendência como as estrelas, e que êles teriam uma herança de mar a mar, e desde o rio até às extremidades da terra. [24] E com Isaac obrou do mesmo modo por amor de Abraão seu pai. [25] O Senhor lhe deu a bênção de tôdas as nações e confirmou o testamento sôbre a cabeça de Jacó. [26] Reconheceu-o em suas bênçãos, e deu-lhe a herança, e lha repartiu, dividindo-a entre as doze tribos. [27] E conservou-lhe homens de misericórdia, que achassem graça diante dos olhos de tôda a carne. [3] Glorificou-o diante dos reis, e lhe prescreveu ordenações diante do seu povo, e lhe fêz ver a sua glória. [4] Pela sua fé e mansidão o santificou e o escolheu dentre toda a carne. [5] Porque o ouviu a êle, e a sua voz, e o fêz entrar na nuvem. [6] E lhe deu os seus preceitos cara a cara, e a lei da vida e da disciplina para ensinar o seu Testamento a Jacó, e os seus juízos a Israel. [7] Sublimou a seu irmão Aarão, e semelhante a êle da tribo de Levi: [8] Estabeleceu com êle um pacto eterno, e lhe deu o Sacerdócio da Nação: E o fêz bem-aventurado em glória, [9] e o cingiu duma faixa de glória, e o revestiu duma vestidura também de glória, e o coroou com adornos de preciosidade. [10] Pôs-lhe a vestidura talar, e a túnica interior, e o efod, e o cingiu ao redor dum grande número de campainhas de ouro. [11] A fim de repetir o sonido delas quando andasse, para fazer ouvir no templo êste mesmo sonido por modo de advertência aos filhos da sua gente. [12] A vestidura santa, de ouro e de jacinto, e de púrpura, obra tecida, dum varão sábio, dotado de juízo e de verdade: [13] De fio de escarlate

torcido, obra de grande artifício, de pedras preciosas gravadas em engaste de ouro, e entalhadas por indústria de lapidário para avivar a memória do número das tribos de Israel. [14] Havia sôbre a sua mitra uma coroa de ouro esculpida com sêlo de santidade, e com glória de honra: Obra de muito primor, e adorno que levava após si os olhos de todos. [15] Trajos tão majestosamente airosos como êstes não houve antes dêle desde o princípio do mundo. [16] Dela se não vestiu pessoa alguma de outra família, mas só únicamente os seus filhos, e os seus netos por todo o decurso das idades. [17] Os seus sacrifícios foram todos os dias consumidos pelo fogo. [18] Moisés lhe sagrou as mãos, e o ungiu dum óleo santo. [19] Foi-lhe concedido a êle, e à sua descendência por um pacto eterno como os dias do Céu, o exercer as funções do sacerdócio, e cantar louvores, e bendizer ao seu povo em seu nome. [20] Êle o escolheu dentre os viventes para oferecer a Deus o sacrifício, o incenso e o bom cheiro, a fim do mesmo Deus se lembrar do seu povo fazendo-o assim propício.

Reflexões

Não se achou outro que observasse como ele a lei do Altíssimo. Achar-se-á hoje em dia grande número de fiéis que observem esta santa lei? E se respeita sequer como uma lei que obriga igualmente a todos os fiéis? Não saiamos de nossos templos: representemo-nos os divinos mistérios que todos os dias se celebram em nossos altares; este novo Calvário em que realmente se sacrifica muitas vezes ao dia o mesmo Jesus Cristo a seu eterno Pai, como vítima incruenta pela salvação dos homens; este santuário respeitável aos mesmos Anjos; este sacrifício do adorável corpo e sangue do Homem-Deus, durante o qual as celestiais inteligências estão prostradas e como embargadas de assombro à vista daquela maravilha, e discorramos quanta é nossa fé pelo modo com que a tratamos. Aqueles cristãos imperfeitos a quem uma missa celebrada com alguma gravidade se lhes faz pesada, molesta e enfadonha; aqueles que por delicadeza ou por indevoção se dispensam de assistir ao divino sacrifício; aquelas mulheres profanas que assistem a ele com todo o orgulho e com todo o desafogo da provocação: todos estes conhecem bem aquilo mesmo que fazem profissão de crer? Mas acaso creem bem aquilo que olham com tanta indiferença e que tratam com tanto menosprezo? Teriam valor para pôr-se diante de uma pessoa de respeito com a indecência com que assistem à missa? Estariam diante do Rei como costumam estar na igreja? Levam consigo o descaro, a infidelidade e a irreligião até os pés de Jesus Cristo. Entre os primeiros Cristãos era tanto e tão religioso o respeito que se professava a este adorável sacrifício que se tinha por titubeante, por pouco firme na fé o que assistia à missa com menos devoção. Persuadir-se-iam acaso eles de que viviam entre verdadeiros fiéis se fossem testemunhas de nossa irreligião, de nossas escandalosas irreverências enquanto se celebram os sagrados mistérios?

Que se teria dito se no mesmo ponto em que Jesus Cristo expirou sobre uma cruz no Calvário um de seus discípulos se tivesse deixado ver naquele monte com o mesmo aparato, com as mesmas disposições, com o mesmo pouco respeito com que se deixam ver tantos no sacrifício da missa? Quantos se teriam indignado contra ele! A mesma Igreja o trataria hoje como a um infame apóstata: e que não diríamos nós mesmos daquele malvado discípulo? É a missa uma viva e real representação daquele primitivo sacrifício; é realmente a mesma vítima, o mesmo sacerdote e a mesma oblação; pois será menos ímpia, menos sacrílega nossa imodéstia? Bom Deus, quantos e

quantos assistem hoje aos ofícios divinos, ao santo sacrifício da missa, com menos circunspecção, com menos compostura que aos espetáculos profanos! É bem seguro que muitas vezes se está no templo com menos seriedade, com menos decência e com menos modo que numa visita de cumprimento e de atenção. Já não se contentam muitos com irreverências mudas e secretas: hão de ser públicas, desafogadas e ruidosas, podendo-se dizer que se faz ostentação e gala da indevoção. E nos admiraremos agora de que Deus nos faça sentir tanto tempo há os pesados açoites de sua justíssima cólera!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 11 de São Marcos (o impresso traz «capítulo VI»).

Marcos 11,22-24

> **Latim:** 22 Et respondens Jesus ait illis : Habete fidem Dei. 23 Amen dico vobis, quia quicumque dixerit huic monti : Tollere, et mittere in mare, et non hæsitaverit in corde suo, sed crediderit, quia quodcumque dixerit fiat, fiet ei. 24 Propterea dico vobis, omnia quæcumque orantes petitis, credite quia accipietis, et evenient vobis.

Português: 22 E respondendo Jesus lhes disse: Tende a fé de Deos. 23 Em verdade vos affirmo, que todo o que disser a este monte: Tirte, e lança-te no mar, e isto sem hesitar no seu coração, mas tendo fé de que tudo o que disser succederá, elle o verá cumprir assim. 24 Por isso vos digo, todas as cousas que vós pedirdes orando, crede que as haeive de haver, e que assim vos succederão.

Meditação

Da falta de fé na maior parte dos fiéis

Primeiro ponto

Considera que nem toda infidelidade é do entendimento; também a vontade tem a sua. A razão por que não se crê é porque não se quer crer. É verdade que é necessário crer em Deus para amá-lo; mas não é menos verdade que é mister amá-lo muito para crer bem nele. A caridade tudo crê. Não é a razão a que causa nos homens a incredulidade, pois nunca houve homem de razão e de bom juízo que duvidasse das verdades da Religião, contanto que não tivesse estragados os

costumes. Por via de regra nenhum herege se converte de boa-fé se não tira os estorvos à graça por meio de uma vida inocente e ajustada, nem se tem visto jamais algum apóstata católico que não fosse anteriormente de vida pouco cristã. Nunca abandonaram a Igreja senão aqueles filhos que a desonravam e que ela mesma separaria de seu corpo místico como membros encancerados. Pelo contrário, nenhuns desertores se passam por via de regra a nosso campo do inimigo que não fossem antes a honra de seu partido e que não vivessem nele como se fossem do nosso na ordem puramente natural. A corrupção do coração vai dispondo a titubear na fé; e desde que se começa a viver mal começa a dissipar-se a respeito da Religião. A fé é virtude do entendimento; mas a falta de fé é vício da vontade. Não há paixão violenta que não seja inimiga da fé. Esta na verdade é um brilhante facho que alumia; mas de que serve este facho a quem tem os olhos achacosos? Que nos importará estar rodeados de luz, caminhar na metade de um dia claro, se levamos conosco as trevas e a noite? De que nos servirá crer coisas tão grandes, se somente as cremos como as creem os demônios, isto é, com uma fé puramente especulativa? De que nos servirá crer tudo o que é necessário crer para ser cristãos, se não cremos como é necessário crer para salvar-nos? Confessemos, pois, que há no mundo muito pouca fé: nossa mesma vida é uma demonstração tão manifesta desta verdade que não podemos deixar de confessá-lo. Vive-se com tibieza? Pois com tibieza se crê. Alenta-se a alma com o fervor? Pois sente em si mesma que se lhe vai esforçando a fé com a inocência; podendo-se dizer muito bem que o fervor no serviço de Deus é a medida de nossa fé. Se queremos saber até onde chega esta, consultemos nossa vida e nosso porte: pelas máximas que seguimos e pelas obras que executamos conheceremos a grandeza e a valentia de nossa fé.

Segundo ponto

Considera que é ocioso alumiar o entendimento enquanto esteja preocupado o coração. Boa, ainda que muito triste prova desta verdade foram os judeus. As profecias que viram cumpridas em Jesus Cristo eram poderosos motivos para que cressem nele; mas nem eles se as quiseram aplicar, nem dar ouvidos aos que lhas aplicavam. Sendo de si as parábolas umas explicações palpáveis que expõem como de vulto os mistérios mais elevados, eram para eles uns véus impenetráveis que lhes ocultavam a vista daqueles mesmos mistérios. Estavam vendo seus milagres: confessavam francamente que os fazia: *Hic homo multa signa facit.* Mas que inferiram daí? Que era preciso segui-lo, crer nele e adorá-lo? Nada menos. O que inferiram foi que era necessário tirar-lhe quanto antes a vida. Querem informar-se os judeus do cego desde seu nascimento que recobrou a vista: chamam seus pais, examinam-nos, ficam convencidos depois de ter feito quanto puderam para corrompê-los. E que tiraram deste convencimento? Crer nele? De nenhum modo. Maldizê-lo, ultrajá-lo e excomungá-lo. Oh, e quanta verdade é que uma paixão numa alma, apoderada já da relaxação e da tibieza, excita nela grandes alterações! É como o fogo que pega em madeira úmida, levantando um fumo denso que obscurece a razão e não a deixa perceber os objetos sobrenaturais. Até a respeito dos mais materiais e sensíveis nos cega a paixão. Pois que muito nos impeça a vista dos espirituais e divinos? O mesmo que retrai os maus atrai os bons: o mesmo que espanta os dissolutos enamora os virtuosos. Estes não acabam de admirar o que aqueles não acertam a crer acerca do mistério da Encarnação, da Eucaristia, etc. A morte de um Deus, que se faz dura à fé dos maus cristãos, acende mais e mais o amor dos bons e dos fervorosos. Confessemos já que não há estado mais miserável, mais digno de compaixão que o de um cristão

que tem pouca fé. Fora-lhe melhor, digamo-lo assim, crer nada que crer pela metade, pois padece muito mais em seus gostos que um verdadeiro fiel em seus trabalhos. Aquela escassa luz que lhe ficou é muito bastante para perdê-lo, e não o é, por culpa sua, para salvá-lo. É para ele como uma luz importuna, meio apagada e maligna, que basta para tirar-lhe aquela quietude que se experimenta no silêncio das trevas, sem comunicar-lhe a alegria que causa a luz do sol. «Se eu tivesse fé (costuma-se dizer), logo deixaria estes enlevos, esta profanidade, estes passatempos, e logo me converteria»; mas eu digo que logo terias fé se deixasses esses passatempos, essa profanidade e esses enlevos. Nossa pouca fé sempre é funesto efeito de nossos corrompidos costumes. Aquele sacerdote não sente devoção no altar; mas a tem muita fora dele? Se por sua desgraça leva uma vida tíbia e desarrumada em sua casa, quer experimentar no altar uma fé viva e fervorosa?

Seja-o, Senhor, minha vida, seja inocente, seja pura com vossa divina graça, e espero que minha fé crescerá cada dia mais e mais.

Jaculatórias

Eu creio, Senhor; fortificai minha fé. (Mc 9.) Senhor, aumentai-nos a fé. (Lc 17.)

Propósitos

1. É pouca a fé porque é má a vida. Nada debilita tanto a fé como as enfermidades do coração. As almas inocentes, as almas puras podem ser tentadas na fé; mas as tentações, por via de regra, só servem para avivá-la mais, contanto que não deem no extremo da relaxação. Se padeceres estas importunas provas, renova tua fidelidade e teu fervor no serviço de Deus. Nunca hás de ter maior modéstia, mais caridade com os pobres, nunca mais devoto, mais reverente em presença do santíssimo Sacramento; nunca mais exato, mais pontual em todas as tuas obrigações e devoções; nunca mais mortificado nem mais fervoroso que em tempo destas provas. Logo verás dissipadas essas nuvens e sossegadas todas essas tempestades. Nenhuma coisa contribui tanto à serenidade da alma como aumentar o fervor.

2. Sempre te hás de propor tuas ações e tua conduta como a melhor prova de tua fé. Esta, nos verdadeiros cristãos, nunca é puramente especulativa. É costume saudável pensar em todos os exercícios espirituais, na missa, no ofício divino, na oração e em todas as boas obras que neles vamos dar a Deus e ao público provas legítimas de nossa fé. Se estás na igreja, considera que vais dar testemunho de tua fé; se é preciso perdoar uma injúria, fazer uma esmola; se te sucede alguma aflição, algum contratempo, recorre à fé e dize a ti mesmo: *Quero parecer cristão nesta ocasião*; mas tem cuidado de pedir frequentemente a Deus que aumente tua fé: *Credo, Domine: adjuva incredulitatem meam.* Sim, Senhor, eu creio, eu creio; mas fortificai minha fé cada dia mais e mais. Esta oração ou jaculatória deve ser familiar a todos os Cristãos.

[^1]: A Neocesareia chamam hoje os gregos Niksar, os turcos Tokat. Era esta cidade na antiguidade metrópole civil da província do Ponto, chamada Polemoníaca. E andando o tempo o foi no eclesiástico.

[^2]: O P. Domènech, em sua *Historia de Santos de Cataluña*, acerca das relíquias de nossos santos Acisclo e Vitória diz o seguinte: «Tem-nos a cidade de Córdoba por seus singulares padroeiros e, como afirma o bem-aventurado mártir São Eulógio, na destruição da Espanha ficaram ali seus corpos, e há alguns que pretendem que ainda estão lá, e não falta quem diga que estão em Toulouse. Mas a verdade é que, ainda que ficaram em Córdoba na vinda dos mouros à Espanha, depois foram levadas suas santas relíquias à Catalunha, ao lugar de Vidreres, e postas num castelo do visconde de Cabrera, chamado Santo Acisclo, e depois o visconde as deu a São Salvador de Breda. Como consta de alguns autos e se tira de um auto autêntico que eu vi no arquivo do mosteiro de São Salvador de Breda. Porque o ilustre D. Geraldo, visconde de Cabrera, que fundou a vila de Hostalric, tendo muita devoção ao dito mosteiro de São Salvador de Breda, deu-lhe o corpo do glorioso Santo Acisclo e depois, por mais segurança, fez aprovar a dita doação e trasladação a seu mesmo irmão D. Ramon de Cabrera, e este auto do dito D. Ramon se acha agora no arquivo do mesmo mosteiro, como está dito. Parece-me digno de advertência que neste auto não se faz menção alguma de Santa Vitória, e creio que deve ser a causa disto a pureza de tanta simplicidade e tão pouca curiosidade daqueles tempos, nos quais é certo que nos autos autênticos de alguns corpos santos nunca, se eram dois, reparavam em nomear senão ao primeiro tão somente.»

[^3]: O autor do Eclesiástico, de onde se tirou esta Epístola, nos dá a entender que vivia depois do pontificado do grande sacerdote Simão, pois o elogia como a um homem já defunto. E nesta suposição é mister colocar Jesus, filho de Sirac, entre o pontificado de Simão; isto é, entre o ano de 3711 da criação do mundo em que morreu este grande sacerdote e o de 3783 em que morreu Ptolomeu Evérgeta.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:54:49 by Admin
Updated 20 November 2026 20:54:49 by Admin